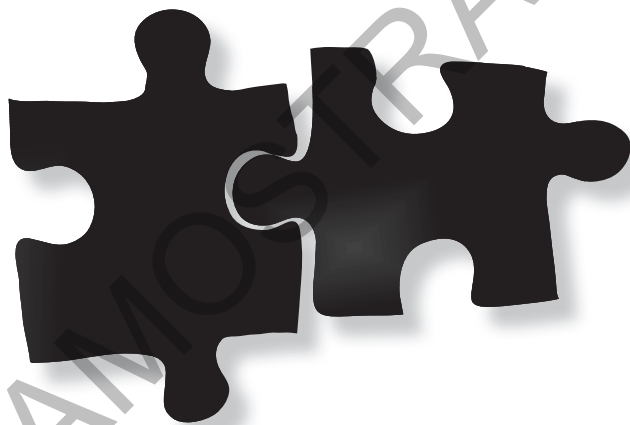


O PODER DA DISCÓRDIA



**POR QUE OS ALTOS E BAIXOS DOS
RELACIONAMENTOS SÃO O SEGREDO PARA
CONSTRUIR INTIMIDADE, RESILIÊNCIA E CONFIANÇA**

**DR. ED TRONICK
DRA. CLAUDIA M. GOLD**



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| <i>Agradecimentos</i> | <i>ix</i> |
| <i>Sobre os Autores</i> | <i>xi</i> |
| <i>Introdução: Origens</i> | 1 |
| 1 Reparação como Alimento para a Alma | 29 |
| 2 Almejar Ser Bom O Bastante | 57 |
| 3 Seguro para Fazer Confusão | 75 |
| 4 Parar o Jogo da Culpa | 97 |
| 5 Resiliência Reconsiderada | 119 |
| 6 Nossos Jogos: Aprender a Pertencer | 139 |
| 7 Tecnologia e o Paradigma do Rosto Imóvel | 157 |
| 8 Quando os Significados Dão Errado | 169 |
| 9 Cura em um Mosaico de Momentos ao Longo do Tempo | 193 |
| 10 Encontrar Esperança na Incerteza | 207 |
| 11 Da Discórdia à Conexão e ao Pertencimento | 217 |
| <i>Notas</i> | 229 |
| <i>Índice</i> | 239 |

1

REPARAÇÃO COMO ALIMENTO PARA A ALMA

JENNIFER PREPAROU O JANTAR para seu namorado, Craig, por horas. As tarefas de bater, cortar, ralar e misturar a estabilizaram, apesar da crescente tensão entre eles. Aproximando-se do aniversário de um ano de namoro, eles foram cuidadosos um com o outro por meses, com medo de romper o que parecia ser uma união instável. Após a felicidade inicial, ao se apaixonarem, parecia que estavam estagnados, incapazes de avançar com o relacionamento.

A calma do dia permitiu que um turbilhão de pensamentos conturbados circulasse na mente de Jennifer. Reviveu momentos de meses anteriores, quando Craig parecia distraído e não estava emocionalmente disponível da maneira que ela precisava. Na fase de lua de mel de seu romance, Jennifer tinha aprendido a suprimir a dor que experimentou, mas, como eles se estabeleceram no que parecia ser possivelmente um relacionamento mais sério, sua angústia cresceu. A preparação silenciosa da comida mascarava uma raiva efervescente.

Craig adentrou a casa, parando fortuitamente na cozinha para dar um abraço gentil, por trás, em sua namorada enquanto ela usava o fogão. Para ele, era a cena de uma vida doméstica feliz. Embora ele tivesse notado a distância crescente entre eles, sua abordagem era ignorá-la e simplesmente continuar. Ele tinha crescido em uma grande família, com quatro irmãos, em que sentimentos feridos iam e vinham como o fluxo da maré. Estava acostumado a prestar atenção em várias pessoas ao mesmo tempo. Sem saber das memórias dolorosas que Jennifer trouxera de seus relacionamentos conturbados passados, permaneceu alheio à tempestade.

Como filha única, Jennifer, tinha pouca experiência com discórdia. Em sua família, os confrontos eram evitados a todo custo. Seu resignado pai, um veterano da Guerra do Vietnã, silenciosamente escondia seus sentimentos. Sua mãe tinha muito cuidado para não provocá-lo, já que ele poderia ir de calmo e silencioso para explosivo em um instante. Diante de qualquer tipo de desentendimento, seus pais se afastavam um do outro e dela. Embora fisicamente presentes, desapareciam emocionalmente. Jennifer tinha memórias vívidas da sua infância de sentar sozinha no banco de trás do carro da família no silêncio áspero que seguiu uma das explosões furiosas de seu pai. Sentia-se completamente perdida quando seus pais se afastavam assim, quase como se ela mesma tivesse deixado de existir. Jennifer trouxe um medo reflexivo de discórdia para seu relacionamento adulto com Craig. Ela ansiava pela conexão que encontrou nele, mas temia sua perda. Silêncio e afastamento pareciam mais seguros do que a discórdia evidente.

Na mesa, assim como Jennifer estava calmamente dando os toques finais na refeição, Craig olhou para seu celular para ler uma mensagem de um de seus irmãos. Esse comportamento não era atípico para ele, mas, naquele momento, Jennifer sentiu uma onda de raiva subir dentro dela, e dessa vez ela não escondeu. Embora não tenha conseguido colocar a ideia em palavras, nos meses anteriores,

tinha desenvolvido uma sensação de que Craig — que era tão diferente em muitos aspectos dos pais de Jennifer — não desapareceria se confrontado com raiva. De modo impulsivo e sem pensar, ela deu essa impressão a seu primeiro teste: jogou no chão sua refeição elegantemente elaborada.

Inicialmente Craig reagiu com choque, perplexo com essa exibição desconhecida de emoção. Mas seu breve flash de raiva se dissipou com rapidez quando Jennifer explodiu em lágrimas. Correu para ela e se abraçaram. À medida que os soluços de Jennifer diminuíram, ela começou a compartilhar seu medo de que discórdia significasse perda. Sentada no chão ao lado da bagunça do jantar arruinado, disse-lhe que temia que seu relacionamento não pudesse suportar o conflito. Mais precisamente, a memória de seu senso de si vacilando em resposta à abstinência emocional de seus pais levou-a a temer que ela mesma desaparecesse. A confiança que ela havia desenvolvido por Craig nessa nova e muito diferente relação deu-lhe acesso a esses sentimentos complicados e não expressos anteriormente.

Esse momento tornou-se decisivo para eles. Ela viu que tinha interpretado seu comportamento como rejeição quando essa não era de forma alguma sua intenção. Craig viu a tendência de Jennifer em se desconectar sob uma nova perspectiva. Sua abordagem de esperar os distúrbios passarem, que tinha, em sua maior parte, funcionado em sua numerosa família, não funcionaria nesse novo relacionamento. Jennifer confiava, cada vez mais, que Craig não desapareceria diante da discórdia. Aprendeu a se envolver com ele em vez de se retirar em momentos de falha de comunicação. Eles trouxeram suas respectivas intenções e motivações para o relacionamento, cada um dando espaço e tempo ao outro para serem vistos. Seu relacionamento cresceu nos momentos de incompatibilidade e reparação que se seguiram ao longo de dias, meses e anos.

A bagunça de vieiras assadas, purê de batata-baroa e vagens na manteiga poderia servir como uma metáfora para o papel de in-

compatibilidade e reparação no desenvolvimento humano. Assim como os nutrientes fornecem combustível para o crescimento físico, a energia produzida através da confusão da incompatibilidade para reparar alimenta o crescimento emocional. Incompatibilidade e reparação figurativamente (e às vezes literalmente) nos alimenta.

INCOMPATIBILIDADE COMO NORMA

Uma noção idealizada de amor parental pode ser resumida pelo quadro da *Madona Litta* de Da Vinci, em que Maria e seu bebê olham amorosamente nos olhos um do outro. Em uma das representações de Rafael sobre o mesmo par, mais revelador, o Bebê Jesus olha para um livro na mão de Maria enquanto ela olha distraidamente para o chão. Da mesma forma, uma noção idealizada de amor romântico é transmitida na dança de Fred Astaire e Ginger Rogers; temos a impressão de que, em bons relacionamentos, as pessoas se unem perfeitamente em sincronia. Contudo, a parceria de Jennifer Grey e Patrick Swayze em *Dirty Dancing — Ritmo Quente*, em que em um ponto ela pisa nos dedos do pé dele e ele a cutuca no olho, está mais perto da realidade. A confusão de erros é necessária para a criação da dança graciosa e coordenada da cena final. Para Jennifer e Craig, as risadas que eles compartilharam enquanto limpavam a bagunça e encomendavam pizza capturava a alegria e a intimidade que vêm com o navegar através da incompatibilidade à reparação.

Passar pela confusão acaba por ser a maneira como crescemos e nos desenvolvemos em relacionamentos desde a primeira infância até a idade adulta! Isso pode parecer contraintuitivo, pois você pode pensar que, em relacionamentos saudáveis, não há lugar para discórdia. Duas pessoas em um bom relacionamento não deveriam se dar bem sempre?

As descobertas dramáticas do experimento original do rosto imóvel revelaram uma nova maneira de entender bebês e pais, mas

ainda havia muito a aprender sobre essa relação primária. Pesquisas anteriores com crianças refletiram a suposição¹³ de que, quanto mais síncrona e sintonizada for a interação, melhor ou clinicamente “normal” será a relação. Para surpresa de muitas pessoas, a pesquisa revelou que a confusão é a chave para relacionamentos fortes!

Começamos filmando interações típicas entre pais e filhos. Na análise subsequente quadro a quadro¹⁴ desses vídeos, diminuimos a velocidade da gravação, obtendo uma janela para as interações momento a momento que não pudemos apreciar em tempo real. Esperávamos ver pares saudáveis mãe-bebê em perfeita sintonia, encontrando o olhar um do outro, afastando-se um do outro ao mesmo tempo, alcançando um ao outro em sincronia, e, em geral, combinando cada movimento um do outro. Com essa noção preconcebida de como as relações funcionam, desenhamos gráficos puros de momentos de conexão, descartando como irrelevantes quaisquer dados que mostrassem desconexão e não se encaixassem nesse padrão organizado. No entanto, após meses de pesquisa, fomos incapazes de negar o teste padrão real. Em pares saudáveis de pais e bebês, em média 70% das interações estavam fora de sincronia! A desconexão era uma parte inevitável da interação.

Em uma sequência, observamos, por exemplo, que uma criança estava olhando para uma alça da cadeira alta e se confortava chupando o dedo. Quando sua mãe tentou chamar sua atenção, a criança se esquivou. A mãe então pegou a mão do bebê da boca e a moveu levemente. Seus olhos se encontraram e ambos sorriram. A mãe então se aproximou, e a criança desviou o olhar. Uma nova dança havia começado.

Parece correto para você que a maioria dos relacionamentos seja incompatível 70% das vezes? Encontramos isso repetidamente. No campo da psicologia do desenvolvimento, essa divisão 70-30 ficou famosa, e alguns profissionais faziam referência a ela sem realmente saber sua origem. Vem de nossas observações detalhadas do rela-

cionamento amoroso primário. Nossa expectativa de sintonia inicialmente nos levou a ver a incompatibilidade como um problema quando, na verdade, era a norma. Ao analisar essas fitas de vídeo, descobrimos que a parte mais importante não era a incompatibilidade, mas a reparação.

REPARAÇÃO É ONDE A AÇÃO ESTÁ

Chegamos a reconhecer que a reparação é o cerne das interações humanas. A reparação leva a uma sensação de prazer, confiança e segurança, o conhecimento implícito de que *eu posso superar problemas*. Além disso, ensina uma lição crítica da vida: o sentimento negativo que surge de uma incompatibilidade pode ser transformado em um sentimento positivo quando duas pessoas subsequentemente chegam a um consenso. Não é preciso ficar preso em um estado de sentimento negativo. E a crença de que alguém pode ou não mudar um estado emocional se desenvolve nas primeiras interações de uma criança.

Utilizamos observações de interações típicas para obter uma imagem clara¹⁵ do que acontecia quando realizamos um conjunto de experimentos usando o paradigma do rosto imóvel. Primeiro, observamos pares de pais e filhos participando naturalmente de algum tipo de brincadeira comum para eles, como bater palmas ou um jogo de contar. Descobrimos que, mais tarde, no cenário experimental do rosto imóvel, esses bebês usaram as estratégias que haviam aprendido durante o processo de reparação de incompatibilidade para sinalizar para suas mães. Quando confrontados com uma situação estressante, eles poderiam aplicar um estilo de interação extraído das trocas diárias com seus cuidadores. Embora ainda não tivessem aptidão para linguagem ou pensamento consciente, foram capazes de recorrer a inúmeras interações momento a momento para lidar com o estresse do comportamento não familiar dos cuidadores.

Entendemos a incompatibilidade e a reparação como uma experiência normal e contínua, fundamental para o desenvolvimento de nossa espécie como seres sociais. Que alívio aprender que, nos relacionamentos amorosos primários, os humanos estão sincronizados apenas 30% das vezes! O fato de o número ser tão baixo deve aliviar a pressão que muitas pessoas sentem para buscar perfeita harmonia em seus relacionamentos quando adultos. Desde que haja uma oportunidade de reparação, a incompatibilidade em 70% das interações não é apenas típica, mas propícia ao desenvolvimento e aos relacionamentos positivos e saudáveis. Precisamos da confusão normal para aprender a confiar uns nos outros.

A maioria das interações que observamos em nossas análises de vídeo foi reparada em um estado correspondente nas trocas imediatamente após a incompatibilidade. Em outras palavras, bebês típicos e seus cuidadores estão constantemente entrando em estados de incompatibilidade e, em seguida, reparando-os. As reparações podem ser pequenas — microscópicas, de fato —, mas existem muitas delas nos incontáveis momentos das interações.

O ensinamento central das décadas de pesquisa que seguiram o experimento do rosto imóvel original é que esse processo de passar da incompatibilidade para a reparação não é apenas inevitável, mas essencial para que os relacionamentos floresçam em vez de estagnar ou desmoronar. Como Jennifer descobriu com Craig, precisamos deixar a confusão acontecer. Precisamos da incompatibilidade porque sem ela não podemos reparar.

INCOMPATIBILIDADE, REPARAÇÃO E CRIAÇÃO DE SIGNIFICADO

Ao longo de sua infância, por meio de inúmeros momentos de incompatibilidade e reparação em sua família de origem, Craig desenvolveu um senso central de esperança — ou, para usar o termo

emprestado de Jerome Bruner¹⁶, ele *criou significado* do mundo como um lugar esperançoso. Em contraste, Jennifer tinha uma escassez de experiência com reparações, e isso a levou a construir um significado menos esperançoso para si mesma no mundo. Um senso de cautela caracterizou sua abordagem aos relacionamentos.

Vemos diferenças como essas surgindo nos primeiros meses de vida. Lembre-se de que, no experimento original, vimos a criança empregar estratégias diferentes para envolver sua mãe. Esse comportamento refletia um contexto contínuo de incompatibilidade e reparo. A bebê havia aprendido que poderia agir em seu mundo para torná-lo melhor. Mesmo na tenra idade de onze meses, ela, como Craig, criou significado de seu mundo como um lugar de esperança.

Quando realizamos o experimento com as díades mãe-bebê¹⁷, para as quais o processo de incompatibilidade e reparação havia dado errado, não vimos essa resposta robusta. Mães e bebês criaram significados diferentes. Algumas mães, preocupadas com sua própria angústia, fizeram menos esforço para reparar as inevitáveis incompatibilidades. Outras, oprimidas pela ansiedade, raramente permitiam espaço para incompatibilidade, enquanto outras ainda se comportaram de maneira intrusiva — por exemplo, tocando repetidamente os bebês, mesmo quando eles afastaram as mãos das mães ou deram outros sinais de ficarem sobrecarregados. Quando confrontados com a incompatibilidade, os bebês que tiveram uma escassez de oportunidades de reparação não fizeram os mesmos esforços para se reconectar, para reparar a fissura.

Enquanto crescia, Jennifer, como aquelas crianças, sofreu com a falta de oportunidade de reparação. Não havia desenvolvido estratégias para gerenciar as fissuras inevitáveis que ocorrem nas relações humanas. Em vez disso, aprendeu a se proteger da experiência profundamente angustiante da súbita ausência emocional de seus pais. Ficava sozinha em seu quarto, mergulhada na lição de casa ou nos

livros. Destacou-se academicamente, usando seu intelecto para se manter inteira, mas tornou-se emocionalmente protegida e fechada.

Inicialmente, repetiu esse padrão de comportamento com Craig, mas ele era um parceiro interativo muito diferente dos pais dela. Ela observou em suas interações com a família que a discórdia não o afastou. Ele aceitou a tendência dela de se retrair, nunca atacando. Ela desenvolveu confiança suficiente para que, quando a raiva aumentasse além de sua capacidade de tolerá-la, em vez de se fechar completamente, ela pudesse deixar a confusão acontecer.

O jantar arruinado representou um acolhimento consciente de incompatibilidade e reparação em seu relacionamento. Ao sobreviverem a essa perturbação e a muitas outras que caracterizam a confusão normal do amor, Jennifer descobriu uma maneira diferente de estar em um relacionamento. Ela criou novos significados do mundo como um lugar seguro e esperançoso. Poderia ter uma discussão, sabendo que estaria mais perto de Craig do outro lado. Embora os significados de Craig para o relacionamento não fossem tão problemáticos quanto os de Jennifer, ele também tinha espaço para crescer. Ficou mais consciente de seu comportamento distraído, tomando medidas para estar mais presente, uma vez que entendeu as origens na tendência de Jennifer a reagir. Aprendeu com ela que os relacionamentos além do espaço seguro de sua família de origem nem sempre eram tão simples. Ele aprendeu a prestar atenção.

O QUE É CRIAÇÃO DE SIGNIFICADO?

O que significa *criar significado*? Podemos usar termos como *entendimento* ou *dar sentido a* para capturar a ideia, mas essas palavras implicam pensamento consciente na forma de linguagem. Jerome Bruner, quem primeiro descreveu o conceito, era um cientista cognitivo e, portanto, encarava a criação de significado principalmente em termos de símbolos de linguagem e cognição. A pesquisa de

rosto imóvel revelou que as pessoas criam significado bem antes de poderem colocar esses significados em palavras. Criam significado em vários níveis de experiência psicológica e biológica, incluindo o sistema sensorial, genes, sistema nervoso autônomo e sistema motor. Dos níveis multicamadas de sentimento — perceber, pensar, alcançar, olhar e até cheirar —, elaboram o senso de si mesmas no mundo. As informações que incorporam em seus relacionamentos com os outros são compostas por múltiplas camadas de sensações, movimentos e experiências emocionais, como somente os humanos podem processar.

Louis Sander, psicanalista e pioneiro da pesquisa infantil¹⁸, descreveu o que chamou de *espaço aberto*¹⁹, um espaço figurativo entre bebê e cuidador, cheio de possibilidades das quais o senso de si do bebê emerge e cresce. Nesse espaço, o eu único de um bebê se desenvolve em interação com os cuidadores primários. A interação momento a momento com as pessoas, conforme os bebês confundem e reavaliam as motivações e as intenções dos outros, é o processo pelo qual criam significado de si mesmos no mundo.

O experimento do rosto imóvel demonstra de forma surpreendente que os bebês nascem com a capacidade de influenciar seu mundo e possuem habilidades inatas para interagir com seu ambiente. Confrontado com a expressão vazia da mãe, um bebê responde com uma série de estratégias para envolvê-la novamente. O paradigma do rosto imóvel representa uma situação experimental em que os bebês são desafiados em sua capacidade de dar sentido à sua experiência. Se pudessem conversar, poderiam dizer sobre o fracasso da mãe em interagir: *isso não faz sentido*. Enquanto a duração do experimento do rosto imóvel de seis minutos varia em diferentes protocolos de pesquisa, a duração média é de dois minutos. Tente olhar sem expressão por dois minutos para um amigo ou membro da família que deseja sua atenção — isso parecerá interminavelmente longo! Para os propósitos de nosso experimento, esse prolongamento

amplia a resposta, oferecendo uma janela para o processo de criação de significado da criança.

Um bebê que experimentou uma mudança bem-sucedida da incompatibilidade à reparação, quando confrontado com o estresse do experimento do rosto imóvel, usa várias estratégias para gerenciar esse estresse. Ele aponta, grita e se envolve em uma série de comportamentos para se reconectar. Apresenta o *senso de controle*, definido como uma sensação de que ele tem controle sobre sua vida e o poder de agir efetivamente em seu mundo. Se pudesse colocar palavras em sua experiência, poderia dizer: *Não sei por que a mãe está me ignorando, mas sei que posso chamar sua atenção se eu continuar tentando*. Em vez de um sentimento de desamparo, uma criança que passou por incontáveis momentos de erro para se reconectar desenvolve uma maneira esperançosa de interagir com seu mundo. Ela criou um significado específico de sua experiência, uma expectativa otimista, que lhe dá uma sensação de resiliência (um conceito que exploraremos mais no Capítulo 5). Por outro lado, uma criança que experimentou a incompatibilidade, mas que possui uma experiência limitada com a reparação, cria significados negativos: *Você não me ama* ou *Não posso confiar em você* ou *Estou indefeso*. (Exploramos isso em profundidade no Capítulo 8.)

Acontece que os padrões de enfrentamento interativo, os padrões que criam significado, são bastante estáveis ao longo do tempo. Realizamos o experimento do rosto imóvel com 52 bebês e suas mães²⁰ em duas ocasiões em um intervalo de dez dias, e vimos os bebês usarem as mesmas estratégias em ambas as ocasiões para envolver suas mães e consolar-se. Nos pares mãe-bebê que não tiveram a oportunidade de passar da ruptura à reparação, os bebês exibiram um comportamento condizente com tristeza, abstinência ou desinteresse. Pareciam ter problemas para se manter firmes; seus movimentos eram desorganizados ou desmoronavam e ficavam muito quietos. Ambas as respostas sugeriram que se sentiam impotentes e inúteis.

Obtivemos um novo nível de percepção sobre a importância de nossas descobertas originais²¹ quando aplicamos o paradigma do rosto imóvel em pesquisas com pais que sofrem de depressão. Demos aos potenciais participantes um questionário de triagem para sintomas depressivos, e aqueles que obtiveram alta pontuação foram entrevistados para determinar se estavam clinicamente deprimidos. Em seguida, analisamos a gravação de pares de mães não deprimidas com seus bebês e mães deprimidas com seus bebês, procurando correspondências (bebê e mãe fazendo a mesma coisa juntos, como sorrir e olhar um para o outro) e incompatibilidades (bebê e mãe fazendo diferentes coisas entre si, como o bebê olhando e sorrindo e a mãe com uma expressão facial triste). Descobrimos o tempo médio que uma díade levou para que uma incompatibilidade fosse reparada em um consenso e descobrimos que, quando as mães estavam deprimidas, não apenas havia mais incompatibilidades, mas levava muito mais tempo para que as incompatibilidades fossem reparadas. Também descobrimos que, quanto maior o tempo para reparação, maior o nível do hormônio do estresse cortisol (medido na saliva) na criança.

Os bebês de mães deprimidas pareciam se virar para dentro, confiando em si mesmos ou olhando para objetos em busca de conforto. Tais padrões de relacionamento são incorporados desde cedo ao modo de ser do bebê no mundo e são levados a novos relacionamentos à medida que o bebê cresce e se desenvolve.

Contudo, como exploraremos em profundidade nos Capítulos 9 e 10, para adultos, o principal significado dessas descobertas é que os padrões iniciais de relacionamento não são fixos ou permanentes. Você pode continuar a mudar e crescer ao longo da vida ao se envolver na confusão da interação com filhos, cônjuges, amigos, professores, terapeutas e a grande variedade de outras pessoas que você tem a oportunidade de trazer para sua vida. Se seus relacionamentos iniciais foram caracterizados por oportunidades insuficientes para reparação, você pode curar-se por se engajar em um novo conjunto

de incompatibilidade e reparação com seus cuidadores originais, se eles estiverem disponíveis e abertos à mudança, e com novos parceiros em uma gama de relacionamentos.

Quando você se encontra repetidamente preso em relacionamentos problemáticos, quando carrega significados de ansiedade ou desespero, pode sentir que não tem o poder de mudar suas circunstâncias. Porém, o senso de controle, assim como a esperança, é instigado pelo processo frequente e repetido de passar pela incompatibilidade para reparar o relacionamento com as pessoas próximas a você.

DESDE O NASCIMENTO

A criação de significado começa nos primeiros momentos de uma pessoa. Considere o ritual precoce da amamentação. Analisaremos primeiro a perspectiva da nova mãe, Aditi, depois a de sua filha recém-nascida, Tanisha. Todas essas interações ocorrem, não por horas ou até minutos, mas por segundos que, juntos, criam o senso de si mesmo no mundo.

Aditi aguardou a chegada de Tanisha com animação e medo. Era seu primeiro filho e ela se perguntou como saberia o que fazer. Horas após o parto, tentou amamentar a bebê que gritava, mas os braços de Tanisha atrapalharam e seus movimentos se tornaram cada vez mais desorganizados. Aditi começou a falar baixinho com Tanisha enquanto a envolvia com suavidade, e logo sentiu o corpo de Tanisha passar de tenso a relaxado; o choro incessante diminuiu e finalmente parou. Tanisha dormiu e depois acordou, e agarrou-se vigorosamente para mamar, e Aditi experimentou uma calma pacífica que até então ainda não havia sentido. O significado que ela fez dessa experiência, se a tivesse posto em palavras, poderia ser: *eu posso fazer isso e eu conheço minha bebê.*

Agora considere a mesma cena da perspectiva de Tanisha. Seu pequeno corpo se contorcia. Gritou várias vezes enquanto seus bra-